

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Panorama do mercado livreiro mato-grossense do século XIX recuperado pela leitura de jornais da época.

Eni Neves da Silva Rodrigues¹

Este breve panorama do mercado livreiro mato-grossense do século XIX foi traçado por intermédio da leitura de 35 jornais publicados na Província de Mato Grosso, nas cidades portuárias de Cuiabá, Cáceres e Corumbá e preservados em microfilmes pertencentes tanto ao acervo do NDIHR – Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – na UFMT, quanto ao do APMT - Arquivo Público de Mato Grosso.

De acordo com a pesquisa realizada, nenhuma das duas instituições citadas possuem os primeiros jornais impressos em nossa região: *Miscelânea Cuiabanense*², jornal redigido em Cuiabá e impresso em Goiás, no período de 1. de fevereiro de 1833 a 1. de janeiro de 1834 e *Themis Matogrossense*,³ publicado em 14 de agosto de 1839.

Assim sendo, o panorama aqui apresentado terá como início de sua pesquisa o terceiro jornal mato-grossense, *Gazeta de Cuiabá*, publicado em 1847 e, como fim, *O Filhote* de 1899, ou seja, tudo que se tem preservado nestas duas instituições em matéria de jornal do século XIX.

A escolha por textos de jornais como fonte primária de pesquisa foi feita não só pelo fato de eles constituírem preciosa fonte de informação, levantamento e recuperação do passado, como também pelo fato de a Província de Mato Grosso

¹ Mestre em Letras pela Unesp – São José do Rio Preto, doutoranda pelo IEL – Unicamp e Profa.

Assistente do Departamento de Letras da UFMT – Campus de Rondonópolis. (enineves@brturbo.com)

² Cf. SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Miscelânea cuyabanense: o primeiro jornal de Mato Grosso*. Cuiabá: Buriti, 2000.

³ NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 11.

possuir, já neste período, considerável número de periódicos. Número este estimulado, provavelmente, pela dificuldade de acesso à aquisição de jornais e revistas provenientes de outras regiões. Os jornais que mais rápido chegavam por aqui vinham, em barcos, de Porto Alegre e demoravam cerca de 15 dias subindo o Rio da Prata e afluentes⁴.

Os jornais mato-grossenses possuíam tamanho grau de destaque e importância que chamaram a atenção do viajante estrangeiro Karl von den Steinen⁵. Em seu livro intitulado *O Brasil Central*⁶, o autor relata com detalhes os acontecimentos vividos por ele e sua equipe durante a expedição ao rio Xingu. Faz, inclusive, um balanço da imprensa cuiabana relativo ao período – verão de 1884 - em que permaneceu na capital da Província de Mato Grosso. Suas informações atestam a presença de grande número de jornais, a importância deles como formadores da opinião pública, sua periodicidade, seu conteúdo:

Lancemos um olhar para os jornais existentes ali no verão de 1884: “Província de Mato Grosso” fundado em 1880, órgão do partido liberal, com subvenção do governo, bem como “Situação”, 1867, órgão do partido conservador. Ambos eram os orientadores da opinião pública. O “Organ der sozialen Interessen” era redigido por um observador alemão, fundado em 1884, com a divisa “Ridendo castigat mores”. Como fiel escudeiro do “Situação” vinha o “O eco de Cuiabá” (1884), tendo desaparecido, todavia, após dois anos e meio de circulação. Discretamente aparecia no fundo do cenário a “Brisa”, para defender “os interesses gerais da Província”, que estava no seu primeiro ano de circulação. A vida do jornal imparcial “Atleta” iniciou-se, naquela época, sob muitas desculpas de que lhe falta, ao dono, a necessária capacidade de jornalista. Todos esses jornais apareciam uma vez por semana, aos sábados. Não traziam suas páginas mais do que política partidária, acontecimentos locais, notícias diversas, injúrias pessoais e poesia. (Steinen, 1942, p. 72)

⁴ CANAVARROS, Otávio e SILVA, Graciela. *Aquisição de material impresso nos séculos XIX e XX*. CD – 13 Cole, 2002.

⁵ Karl von den Steinen, etnólogo e naturalista alemão. Montou uma expedição que, por duas vezes, esteve em Mato Grosso. O objetivo era atingir o rio Xingu. Em sua estadia em Cuiabá, o viajante estrangeiro descreveu com detalhes a cidade, seus habitantes, costumes, festas e política. Para atingir o Xingu, os alemães empreenderam uma longa viagem, iniciada no Rio de Janeiro, e que teve como primeiro ponto de descanso a cidade de Cuiabá, local onde, na primeira viagem, os cientistas ficaram três meses. Acolhidos pelo presidente da Província, o Barão de Batovi, estudaram o território mato-grossense. In: SIQUEIRA, Elisabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002. p. 143.

⁶ STEINEN, Karl von den. *O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu*. Trad. de Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre: Companhia da Editora Nacional, 1942. p. 72.

Na seqüência, o etnólogo e naturalista alemão, faz referência a alguns pontos negativos dos jornais como, por exemplo, a restrição das notícias aos acontecimentos locais e o destaque dado à briga dos redatores entre si. Ironiza as relações cordiais entre os assinantes e a redação quando esta deseja a determinados noivos um “futuro risonho e florido”. Além disso, comenta sobre o pouco espaço ocupado pelos anúncios chamando a atenção para um deles bastante curioso, divulgado por um barbeiro. Em tom irônico anuncia: “quem ainda duvida, porém, que as idéias modernas não penetraram até este **confim do mundo**, deverá ler o seguinte anúncio do barbeiro Teobaldino Severino que ‘oferece aos seus clientes um novo *atelier* para o exercício da profissão de barbeiro’”. E conclui apontando a superficialidade que, para ele, caracterizava alguns dos jornais:

“É altamente característica, sob todos os pontos de vista, a pequena história “da morte da figueira”. Em cálida noite de março, uma das figueiras agrestes, que existem no largo da igreja, foi abatida por mãos criminosas. (...) (O caso da figueira deu muito pano pra manga, rendeu muito assunto publicado nos jornais da época). (STEINEN, 1942, p. 73)

Não se pode concordar plenamente com a avaliação feita por Steinen aos jornais aos quais ele teve acesso na época. É preciso lembrar, em primeiro lugar, que com apenas três meses de permanência em solo mato-grossense, não seria possível emitir um juízo de valores considerável. Em segundo, como os demais viajantes estrangeiros, Steinen trazia consigo determinados parâmetros definidores de cultura válidos para seu país de origem e não para um país jovem que ainda vivia as agruras impostas por um processo de colonização. Os estrangeiros não concebiam as atividades locais como componentes específicos de uma determinada cultura. O alemão menosprezava a possibilidade de idéias modernas chegarem a este “confim de mundo”. “Confim de mundo” para quem? Dessa forma, o que os viajantes viam de diferente dos costumes europeus era logo associado à negligência e inferioridade intelectual e cultural. Inferioridade que será, às vezes, assumida pelos próprios mato-grossenses ao se referirem a sua Província. Exemplo ilustrativo pode ser encontrado na coluna “Frivolidades” d’*O Republicano*, de 21 de abril de 1898, assinada pelo jornalista Raul Plínio, que se mostra bastante desalentado com o progresso de Cuiabá e com seus habitantes. Segundo ele, “um acesso de patriotismo chega a empoeirar os olhos dos

pacatos freqüentadores do Jardim Público” e afirma que Cuiabá, “apesar de nutrir a pretensão de cidade eminentemente civilizada, pouco se tem perdido dos hábitos coloniais”. O jornalista continua: “ não possuímos ainda um teatro nos casos de bem desempenhar a sua função na vida social; não temos uma biblioteca, que facilite a difusão de luzes às classes menos favorecidas; não possuímos uma comunicação regular com a capital do próprio país...”

Neste sentido, parece ser geral a opinião de que a Província de Mato Grosso vivia, na segunda metade do século XIX, na maior penúria social, econômica e cultural. Igualmente não se pode negar que não só a Província de Mato Grosso, mas o Brasil, de um modo geral, era uma nação recém descoberta, em fase de formação de sua identidade que sofria as duras conseqüências da falta de infra-estrutura. Apesar disto, pode-se relativizar o balanço feito por Steinen e, por vezes, pelos próprios matogrossenses e dizer que a ausência da cultura letrada não era completa, que os jornais podem oferecer muito mais que simplesmente “política partidária, acontecimentos locais, notícias diversas, injúrias pessoais e poesia”, como queria o viajante estrangeiro. Nas linhas e entrelinhas dos jornais, pode-se observar também o surgimento, não só na capital da Província como também no interior, de grande número de sociedades e agremiações culturais, tipografias, livrarias, gabinetes de leitura, bibliotecas.

Tendo em vista a especificidade deste Seminário, o presente trabalho terá como foco principal apenas o levantamento do nome e endereço das principais “livrarias” existentes na Província, na segunda metade do século XIX – capital e interior - , bem como o nome dos livreiros envolvidos no processo de compra, venda e assinaturas de livros, jornais e periódicos, além da verificação da maneira pela qual os leitores tinham acesso não só à aquisição, como também à informação dos lançamentos do mercado livreiro da capital do império.

De acordo com Laurence Hallewell, em *O livro no Brasil*⁷ , era prática comum, por todos os cantos do país e da Europa, a venda de livros junto à heterogeneidade de outros produtos:

⁷ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz e Edusp, 1985. p. 128.

Como a maioria dos livreiros da época – nas cidades das províncias da Europa, assim como nas no Brasil – Garnier não podia, no início, depender apenas das vendas de livros: também negociava com artigos de papelaria e com uma miscelânea de artigos importados, desde guarda-chuvas e bengalas até pílulas, livros, embora não o fizesse em larga escala antes de fins da década de 60. (p. 128)

Os primeiros pontos de venda de livros da Província de Mato Grosso também não podiam depender exclusivamente da venda de livros para sobreviver. Na grande maioria dos jornais lidos, encontram-se anúncios de estabelecimentos comerciais vendendo grande variedade de artigos importados juntamente com livros. Um dos primeiros registrados aparece no *A Imprensa de Cuyaba* de 09/09/1860, em cujo anúncio pode-se ler:

Martin Guilherme faz saber a seus amigos e fregueses, que acaba de receber um grande e variado sortimento de fazendas francesas e inglesas, (...) assim como um lindo e variado sortimento de objetos de armarinho e perfumarias, ferragens, louças e molhados. (...) Além do que está acima mencionado tem máquinas de costura da melhor invenção, quantidade de ferro Sueco, aço de Milão, cobre em chapas e tachos de cobre de duas arrobas para menos, e objetos de cozinha de ferro fundido e batido. (...) Acham-se igualmente os livros abaixo mencionados, dicionário francês e português de Constancio, seletas latinas, gramática francesa (Sevene) Degrange escrituração por partidas dobradas, Burnier escrituração singela, Souza Pinto direito cambial, segredos do futuro, dicionário geográfico do Brasil, cartilhas, folhinhas, catecismos de Montpellier, Plutarco da Mocidade, Método fácil de aprender a ler, Romances, Castello de Alberte, Cemitério, do pero Lachese, Anjo Demônio, Companheiros do Silêncio. Vende-se por atacado e varejo por preços razoáveis na rua do Comércio n. 33.

Martin Guilherme, ao que tudo indica, parece ter sido um dos pioneiros no promissor comércio livreiro de Cuiabá. Motivado pela isenção fiscal, concedida pelo Governo Imperial aos bens de consumo importados, o abastado comerciante francês, radicado em Cuiabá, era dono de uma das mais importantes importadoras da época, a Martin Guilherme & Cia, passou a interessar-se pelas transações financeiras de compra, venda e representação do capital externo⁸. Como o Brasil não possuía editoras, deduz-se que a maioria das obras trazidas por Martin Guilherme era impressa em Paris. Assim, ele levava para a França matéria prima mato-grossense, como o látex, por exemplo, e trazia de lá vários artigos, inclusive livros de diversos gêneros. Os preços das

⁸ REYNALDO, Ney Iared, *Comércio e navegação no Rio Paraguai (1870 – 1940)*. Cuiabá: EdUFMT, 2004. p. 138.

mercadorias trazidas por ele, às vezes, eram menores que os praticados em Buenos Aires, Montevideú, Assunção e Rio de Janeiro⁹.

Inúmeros são os anúncios de livrarias, ou melhor, de casas importadoras que vendiam livros. Entre eles destacam-se: o da importadora do **Srs. Firmo José de Matos & Comp.**, em que se pode ver a divulgação da *Cartilha Maternal* ou *Arte de leitura* por João de Deus: “Os louvores que a esse livrinho tem feito a imprensa brasileira nos dispensam de comentários. Dizem diversos jornais que em poucos dias fica o analfabeto sabendo ler.” (*A Opinião* – Corumbá, 01/01/1879); o da **Bela Madrugada**, de propriedade de **João Antônio Esteves**, mostrando o “grande sucesso deste ano no Rio de Janeiro, *Chico Bumba*, - escandaloso romance - de Brito Mendes – Vende-se a 3\$000” (*A Federação* - Corumbá, 23/01/1898); o da **Bela Selvagem**, de **Galvão Sobrinho**, loja que vendia também as “interessantes folhinhas de Laemert, para o ano de 1879, a 1\$500” (*A Opinião* - Corumbá, 27/10/1878); o da casa **Ao Bom Gosto**, situada no Largo da Sé, Casa de Sotéa, oferecendo grande sortimento de livros, de variados gêneros, como dicionários, gramática francesa – Sevéne, Guia de Conversação, Manual enciclopédico, Telêmaco, Livro de Leitura, Cartas para Principiantes, etc. (*Liberal* – Cuiabá, 05/02/1875). E, finalmente, com destaque especial, surgem os anúncios e notícias sobre a **Casa A. T. Aquino Corrêa** e seu proprietário, o Sr. Antônio Tomás de Aquino Correa Júnior. Este afamado comerciante gozava de grande prestígio na sociedade cuiabana, pois seu nome aparece com certa regularidade nas páginas dos jornais. **Ora** recebendo os cumprimentos pelo aniversário: “A primeiro do corrente completou mais um ano de idade o distinto e honrado negociante desta praça o Sr. Antônio Tomás de Aquino Júnior, (...). Por nossa parte cumprimos o grato dever de cumprimentar a tão distinto cavalheiro.” (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 07/10/1888); **ora** comunicando mudança de endereço: “Antônio Tomás de Aquino Correa Júnior avisa aos seus amigos e fregueses que mudou de residência para a Rua Direita n. 32 onde continua a estar à disposição dos mesmos.” (*O Popular* – Cuiabá, 24/10/1868); **ora** como hábil consertador de objetos: “o abaixo assinado conserta relógios de algibeira, de mesa e de parede, máquinas de costura, caixas de música, realejos, *harmoniums* e pianos, (...) em sua chácara à margem do Cuiabá.” (*A Província de Mato Grosso* – Cuiabá, 07/10/1888).

⁹ Idem anterior.

Homem versátil e empreendedor, em 1875, Aquino Correa adquire “uma prensa, tipos de diversos caracteres” e uma máquina de aparar papel, com o objetivo de atender aos clientes na confecção de convites, cartões, folhetos, etc. Esta nova aquisição veio complementar as atividades desenvolvidas por sua Casa possuidora de “sortimento comum, muitas especialidades recomendáveis e uma **livraria bem sortida** de obras de jurisprudência, medicina, instrução, religião, etc. Recebe assinaturas para o *Jornal das Famílias* e encarrega-se de qualquer encomenda para ao Rio de Janeiro e para a Europa.” (*A Situação* – Cuiabá, 11/10/1875).

A Casa A. T. Aquino Correa & C., no período de novembro de 1881 a dezembro de 1882, publicava semanalmente no jornal *A Província de Mato Grosso*, um catálogo de livros com mais de 500 títulos que foram colocados à disposição dos leitores cuiabanos, além de servir de intermediária entre as principais livrarias da capital do império para assinaturas de periódicos e encomendas para o Rio de Janeiro e Europa.

Em março de 1886, o jornal *A Província de Mato Grosso* divulgou o rompimento da sociedade entre Aquino e Francisco Correa: “tendo de retirar-se do comércio o nosso sócio Aquino, acha-se em liquidação a nossa casa (a rua 1 de março n. 32); (...) Outrossim que passamos a vender com redução de preços a existência da mesma casa”. Seu sócio, porém, permaneceu por mais doze anos como proprietário da Casa A. T. Aquino Correa, até que, em 1898, ela foi comprada por Frederico Teixeira, dono da **Livraria Escolar S. Sebastião**, situada na Travessa da Assembléia n. 22: “Igualmente participa que, tendo feito compra da existência da antiga e bem conhecida casa de *Thomaz de Aquino*, hoje de *Francisco Corrêa*, única que importava semelhante gênero de negócio composta quase na sua totalidade de livros religiosos e romances. (...)” (*O Republicano* – Cuiabá, 16/10/1898).

Assim sendo, nos últimos anos do século XIX – 1898 – encerraram-se as atividades de tão importante “livraria” do Mato Grosso. A Casa A. T. Aquino Correa constituiu um marco na história do mercado livreiro em Mato Grosso. O seu fim significou a mudança nas características da venda de livros que, a partir de então, passou a ser mais especializada e a contar com a presença maciça de livros didáticos, como sugere o próprio título da livraria que a comprou, **Livraria Escolar São Sebastião**. Outro estabelecimento que também vendia livros, inclusive escolares, era **O Bazar**

Cuiabano -sem endereço -que, conforme anúncio, colocava à disposição de seus clientes “livros de instrução elementar e complementar adotados no Liceu Cuiabano”, mercado que surgiu para atender a proliferação de escolas iniciadas neste período. Há um anúncio da **Officina de Avelino Siqueira**, situada na Rua Barão de Melgaço n. 66, em Cuiabá, responsável pela venda do Almanaque Popular Brasileiro e do Almanaque do Rio Grande do Sul, “ambos de Pelotas e para o ano de 1899” (*O Republicano* – Cuiabá, 01/12/1898). E, finalmente, surgem anúncios, em Corumbá, de livros didáticos vendidos no Rio de Janeiro, no escritório da tipografia Carioca, na Rua Teófilo Otoni n. 145, *História e Corografia do Brasil*, de Dias da Silva Júnior. (*O Iniciador*, Corumbá, 22/03/1883).

Em suma, a leitura destes jornais parece ter sido produtiva e gerado bons frutos em alguns aspectos da história da cultura letrada em Mato Grosso, até agora, pouco estudada. Os anúncios e notícias publicados nos jornais mato-grossenses da segunda metade do século XIX foram vistos como um reflexo fiel e constante da realidade vivida pelos habitantes da Província de Mato Grosso e, por meio deles, pôde-se observar, entre outras coisas, que a capital imperial está presente direta ou indiretamente em grande parte dos anúncios que ofereciam livros a serem adquiridos pelos leitores, o que vem evidenciar que, pela centralização do poder, suas livrarias gozavam de prestígio em âmbito nacional; que o leitor da Província tinha acesso e/ou informações dos principais livros lançados tanto no Rio de Janeiro como na Europa; que a aquisição dos livros podia ser feita, tanto na capital do império como no interior, em estabelecimentos comerciais, geralmente importadoras, que traziam, além de livros, grande diversidade de artigos para os mais variados fins; que a compra de livros, inclusive romances, periódicos e jornais, também podia ser realizada via correio, mediante envio de carta registrada com a declaração do valor do bem adquirido. Notou-se, ainda, que uma das maneiras mais comuns do leitor tomar conhecimento dos lançamentos dos livros era por meio de notas divulgadas pelos jornalistas que faziam o papel de crítico literário, comentando os livros recebidos, graciosamente, dos principais editores cariocas. Desta maneira, o advento da navegação a vapor e conseqüente estreitamento das relações comerciais entre o Rio e as cidades portuárias mato-grossenses foram de grande utilidade na consolidação de uma sintonia mais fina entre o comércio livreiro do Rio e o da Província de Mato Grosso da época do Brasil Imperial.

BIBLIOGRAFIA

CANAVARROS, Otávio e SILVA, Graciela. *Aquisição de material impresso nos séculos XIX e XX*. CD do 13. Cole – Congresso de Leitura do Brasil.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz e Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

REYNALDO, Ney Iared, *Comércio e navegação no Rio Paraguai (1870 – 1940)*. Cuiabá: EdUFMT, 2004.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Miscelania cuyabanense: o primeiro jornal de Mato Grosso*. Cuiabá: Buriti, 2000.

SIQUEIRA, Elisabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

STEINEN, Karl von den. *O Brasil Central: expedição em 1884 à exploração do rio Xingu*. Trad. de Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre: Companhia da Editora Nacional, 1942.

Resumo:**Panorama do mercado livreiro mato-grossense do século XIX recuperado pela leitura de jornais da época.**

Eni Neves da Silva Rodrigues

Doutoranda da UNICAMP / IEL e Profa da UFMT - *Campus* de Rondonópolis.

A presente comunicação pretende traçar um breve panorama do comércio de livros na Província de Mato Grosso, na segunda metade do século XIX, com o objetivo de fazer o levantamento e recuperação dos primórdios do mercado de livros nesta região do Império. Pelos dados recolhidos durante a leitura de 35 jornais mato-grossenses da época, pôde-se observar que Mato Grosso possuía, tanto em Cuiabá como no interior da província, além de vários livreiros, número considerável de pontos de vendas de livros, ou seja, estabelecimentos comerciais vendendo grande variedade de artigos importados juntamente com livros. Estas “livrarias” mantinham estreito contato com o comércio de livros do Rio de Janeiro, e, este, por sua vez, com a Europa. Portanto, pode-se dizer que algumas “livrarias” mato-grossenses, da segunda metade do século XIX, mantinham perfeita sintonia com o lançamento de livros das melhores livrarias da Corte e da Europa, principalmente da França.

Palavras-chave: mercado livreiro; Mato Grosso; século XIX..